

ÁFRICA

(Texto obtido a partir da localização Wikipédia em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81frica>)

5

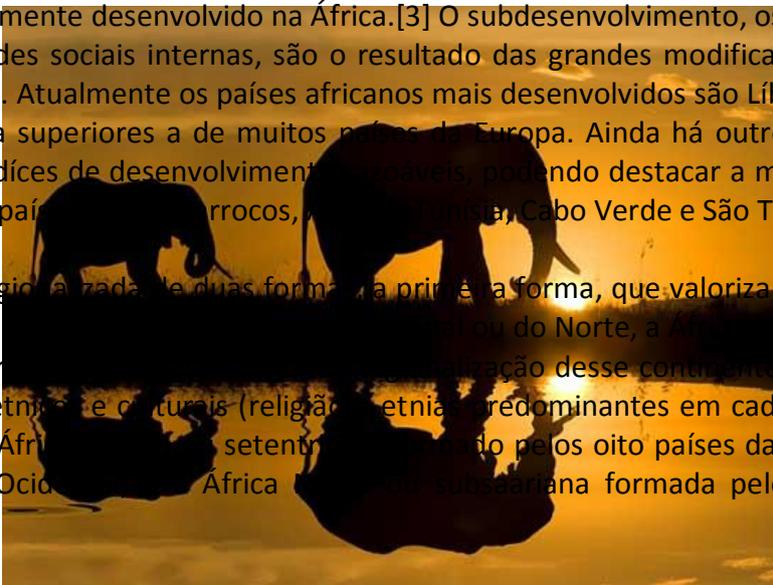
Introdução

A África é o terceiro continente mais extenso (atrás da Ásia e da América) com cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, cobrindo 20,3 % da área total da terra firme do planeta. É o segundo continente mais populoso da Terra (atrás da Ásia) com cerca de 900 milhões de pessoas, representando cerca de um sétimo da população do mundo, e 54 países independentes; apesar de existirem colônias pertencentes a países de outros continentes, tais como as Ilhas Canárias e os enclaves de Ceuta e Melilla, que pertencem à Espanha, o território ultramarino das ilhas de Santa Helena, Ascensão e Tristão da Cunha, que pertence ao Reino Unido, e as ilhas de Reunião e Mayotte, que pertencem à França.

15 Apresenta grande diversidade étnica, cultural, social e política. Nesse continente são visíveis as condições de pobreza, sendo o continente africano o mais pobre de todos; dos trinta países mais pobres do mundo (com mais problemas de subnutrição, analfabetismo, baixa expectativa de vida, etc.), pelo menos 21 são africanos.[2] Apesar disso existem alguns poucos países com um padrão de vida razoável, ainda assim não existe nenhum país realmente desenvolvido na África.[3] O subdesenvolvimento, os conflitos entre povos e as enormes desigualdades sociais internas, são o resultado das grandes modificações introduzidas pelos colonizadores europeus. Atualmente os países africanos mais desenvolvidos são Líbia, Maurícia e Seicheles, com qualidades de vida superiores a de muitos países da Europa. Ainda há outros países africanos com qualidades de vida e índices de desenvolvimento razoáveis, podendo destacar a maior economia africana, a África do Sul e outros países como Marrocos, Argélia, Etiópia, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.[4]

25 A África costuma ser regionalizada de duas formas: a primeira forma, que valoriza a localização dos países e os divide em cinco grandes grupos, a África do Norte, a África Ocidental, a África central, a África Oriental e a África Austral; a segunda forma de regionalização desse continente, que vem sendo muito utilizada, usa critérios étnicos e culturais (religião e etnia predominantes em cada região), é dividida em dois grandes grupos, a África setentrional formada pelos oito países da África do norte, mais a Mauritânia e o Saara Ocidental e a África meridional ou subariana formada pelos outros 44 países do continente.

35 Cinco dos países de África foram colônias portuguesas e usam o português como língua oficial: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe; em Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe são ainda falados crioulos de base portuguesa.



História

A história da África é conhecida no Ocidente por escritos que datam da Antiguidade Clássica. No entanto, vários povos deixaram testemunhos ainda mais antigos das suas civilizações. Para além disso, os mais antigos fósseis de homínídeos, com cerca de cinco milhões de anos, foram encontrados na África, permitindo considerá-la o “berço da humanidade”.

O Egito foi provavelmente o primeiro estado a constituir-se na África, há cerca de 5000 anos, mas muitos outros reinos ou cidades-estados se foram sucedendo neste continente, ao longo dos séculos. Podem referir-se os estados de Kush e Meroé, ainda no nordeste de África, o primeiro estado do Zimbabue e o reino do Congo que, aparentemente floresceram entre os séculos X e XV.

A estrutura moderna da África, em termos de divisão entre estados e línguas de trabalho, no entanto, resultou da partilha da África pelas potências coloniais europeias na Conferência de Berlim. Com excepção da Etiópia, que só foi dominada pela Itália durante um curto período, e da Libéria, que foi um estado criado pelos Estados Unidos da América durante o processo de abolição da escravatura, no século XIX, todos os restantes países de África apenas conheceram a sua independência na segunda metade do século XX.

Os estudos arqueológicos africanos comportam duas subdivisões: a arqueologia do Egito e da África do norte, que tem sido estudada em relação com as do Mediterrâneo, Europa e Ásia ocidental; e a arqueologia da África subsaariana, que tem desenvolvimento próprio.[8]

A África é parte da massa do Velho Mundo e contém alguns dos mais antigos fósseis proto-humanos conhecidos.[8] Para Charles Darwin, foi o continente que primeiro testemunhou o aparecimento do homem, afirmação repetida e reforçada por vários historiadores, entre os quais Pierre Teilhard de Chardin.[9] Além disso, a maioria dos dois primatas mais próximos do homem: o gorila e o chimpanzé,[10] foram descobertos aqui, porém, a consideram a Ásia como o centro das origens humanas,[8] em parte por influência de algumas ideias históricas e filosóficas e em parte devido às descobertas de macacos semelhantes ao Pliodesmonus, como do Pithecanthropus erectus, em Java (1891),[11] e do Sinanthropus pekinensis, na China (1929).[12] Esta controvérsia foi reavivada por dois eventos arqueológicos: a descoberta na África meridional e oriental de um grupo de macacos semelhantes ao Homo erectus, pertencente à família dos Australopithecinae;[8] e o achado, no Quênia, de um macaco do antigo Mioceno, Proconsul africanus,[13] e, em 1961, de outro macaco do Mioceno recente, o Kenyapithecus, que pode ser o ancestral direto do homem.[14]

Australopithecus africanus.

Em 1924, a primeira de uma série de descobertas feitas na Bechuanalândia (atual Botswana) e no Transvaal (África do Sul) revelou a existência do Australopithecinae, criatura intermediária entre o macaco e o homem.[8] Descobertas similares foram realizadas na Tanzânia a partir de 1959.[8] Também achados de fósseis humanos foram escavados em Palikao, Argélia, e Sidi Abderramã, Marrocos; todos esses fósseis pertencem ao Atlanthropus mauritanicus,[15] que aparentemente representa a forma africana do Homo erectus asiático e pode ser o próximo estágio na evolução do homínídeo, após os Australopithecinae.[8] Em 1960, um crânio deste tipo foi encontrado em Oldoway, na Tanzânia.[8]

Outras formas primitivas do homem que habitaram a África durante o Pleistoceno podem ser agrupadas em duas principais categorias.[8] A primeira é um grupo gerontomorfo de homínídeos, pertencente ao tipo bastante difundido dos Rodesiídeos.[8] E o segundo é o tipo de Homo sapiens pedomorfo, que aparentemente precede os atuais boxímanes do Kalahari.[8] Os Rodesiídeos são conhecidos através de três espécies: (1) Homem da Rodésia (Homo rhodesiensis), cujo crânio foi encontrado em 1921, nas minas de Broken Hill, na Rodésia do Norte (atual Zâmbia);[16] (2) Africanthropus ou Homo njarensis; pouco

estudado em detalhes devido à exigüidade dos fragmentos obtidos, descoberto em 1934, na bacia do lago Eyasi, Tanganica (atual Tanzânia); (3) Homem de Saldanha, na província do Cabo, República da África do Sul.[8]

55 Quanto às formas primitivas de Homo sapiens identificadas no continente africano, salientam-se as seguintes: (1) Homem de Kanam, muito anterior aos Rodesioides, segundo L. S. Leakey, que descobriu um fragmento de mandíbula nas praias do golfo de Kavirondo, no lago Vitória;[8] (2) Homem de Kanjera, cujos fragmentos de crânio foram encontrados em Kanjera, não muito distante de Kanam, e datam provavelmente do médio Pleistoceno;[8] (3) Crânio de Florisbad, pertencente a um espécime notável, descoberto em 1932 por T. F. Dreyer, em Florisbad, a 40 km de Bloemfontein, na África do Sul;[17] 60 originariamente denominado Homo helmei, data de cerca de 37 000 anos;[8] (4) Crânio de Boskop, descoberto em 1913, próximo a Boskop, República da África do Sul, cuja capacidade provável era de 1700 cm³, bastante mais elevada que a capacidade craniana do homem moderno[8] (5) Crânio de Singa, encontrado no Nilo Azul, que apresenta semelhança com o crânio de Boskop, mas pertenceu 65 possivelmente a um indivíduo do tipo Rodesiíde anormal.[18]

No Paleolítico inferior, que teve início há cerca de três milhões de anos, sucederam-se várias glaciações que na África originaram períodos pluviais conhecidos por Kangueriano, Kamasiano e Kanjeriano. Durante esse período, sucederam-se igualmente várias culturas e indústrias pré-históricas, pré-líticas e líticas, até à 70 Idade do Ferro.[18]

"Lucy" ou Lilia no Museu Nacional de Antropologia da Cidade do México.

A mais antiga teria sido a Olduvaiense (associada ao *Homínio*, australopitecíneo descoberto em 1959 por Leakey, no Quênia)[19] e a Acheulense (associada aos pithecantrópeos de Ternifine e Sidi Abderramane, descobertos respectivamente por Arambourg e Biberson em 1955), para 75 desabrochar na melhoria das técnicas de trabalho em pedra, ditas "levalloisianas", que são características do Paleolítico médio, cujas primeiras manifestações surgiram na Europa.[18]

Neste período, quando começa a especialização dos artefatos, a África contribui com duas culturas 80 distintas, a Sangoana e a do Egito antigo, aquela localizada em regiões mais altas, de savana. No último pluvial, o Gambliano, correspondente à glaciação de Weichsel, o Homo sapiens em formas fósseis substitui os homínídeos anteriores. Essas formas africanas são os "proto-australóides" (homens de Florisbad, da Rodésia, de Saldanha), ou "protobocimanóide" (crânios de Boskop, Matjes River e outros) da qual provêm os boxímanes. A esses troncos étnicos junta-se terceira cepa, vinda provavelmente do sudoeste africano, 85 que origina a cultura Capsiana no Quênia, a qual descobre o arco e flecha e é ancestral dos grupos que falam línguas hamíticas, como os berberes e os tuaregues do norte da África, os galas e os somalis da África oriental, e os egípcios e etíopes, razão pela qual é também denominada, impropriamente, de "proto-hamítica".[18]

90 Depois do Gambliano começa o dessecamento progressivo do Saara, prejudicando os contactos até então existentes entre a África do norte e o resto do continente. Surgem indústrias transicionais, microlíticas (Magosiano, Lupembo-tshitoliense), sucedidas na África meridional pelas culturas meso e neolíticas de Smithfield e Wilton, o Nachikufano da Rodésia e o Tshitoliense florestal do Congo. Entrementes, na África do norte surge o Oraniano, com influência celta, que eventualmente coloniza o baixo Egito no X milênio 95 a.C., e se alastra vigorosamente ao Capsiano superior. Entre o IX e o V milênios a.C. constatam-se movimentos de povos e influências levantinas na África do norte, a última das quais foi a vinda dos natufianos da Palestina até o delta oriental do Nilo, preparando assim o Neolítico e a protohistória egípcia. No V milênio, o Neolítico se instala no Fayum (baixo Egito) e em Deir Tasa (alto Egito); cerca de 4000 a.C. começa o período calcolítico (utilização do cobre) em Badari, no alto Egito, e um pouco mais tarde em 100 Melinde, no baixo Egito.[18]

No alto Egito, os amratanos sucedem aos badarianos, sendo substituídos pelos gerzeanos cerca de 3600 a.C.; esta cultura recebe indiscutível influência mesopotâmica, aparecendo os primeiros hieróglifos no Gerzeano Tardio, cerca de 3400 a.C. O rei do alto Egito prepara a unificação do país, que é realizada por seu sucessor, o lendário Menes, Meni ou Min (que é a forma preferida por Heródoto), identificado com um dos reis chamados Escorpião, Nar-mer e Aha, que teria fundado a I dinastia egípcia, cerca de 3200 a.C.[18]

Fora do Egito, que teve sua Idade do Bronze, os outros povos africanos passaram diretamente à Idade do Ferro;[18][20] e, salvo os da faixa mediterrânea, permaneceram na proto-história, conhecidos somente através de alguns relatos de viajantes árabes medievais, até o século XV e, mesmo, até meados do século XIX. Os bantos ocuparam toda a África subsaariana, tangendo para zonas de refúgio nas florestas do Congo os negritos e para o deserto de Kalahari os boxímanes. No processo, dividiram-se em dois grandes troncos lingüísticos, os bantos e sudaneses, ambos com muitas tribos, fundando reinos e impérios medievais, como o de Monomotapa, no Zimbábwe, e os de Gana, Mali, Songhai, Benin e outros. Suas migrações só cessam bem adiantado o século XIX.[20]

No século II a.C., Africa Terra era, para os escritores latinos, a Tunísia setentrional, dominada por Cartago, região dos indígenas Afri. Aos poucos o termo estendeu-se ao norte da parte habitada por brancos, até que identificou todo o continente. Os aspectos físicos da África são quase sempre apresentados como obstáculos à penetração estrangeira, em todas as épocas, no continente. Os desertos, a floresta equatorial e as montanhas isolaram tribos que sofreram influências orientais e ocidentais muito diferentes.[21]

O século XIX marcou o devassamento da África pela civilização da Europa industrializada, acarretando profundas modificações nas populações locais. A África sempre sofreu o impacto das transformações mundiais.[21]

O Egito foi, na Antiguidade, a grande parte da civilização africana.[22] A população, que se estabeleceu ao longo do vale fértil do Nilo, viveu sob o domínio de uma disciplina severa, pois o solo arável era restrito.[23] Nos tempos antigos, o Egito foi um país que conduziu um país fortemente hierarquizado.[23] A religião fluiu da magia a uma doutrina baseada na justiça.[24] Até a invasão dos hicsos, o Egito permanecera praticamente isolado da influência estrangeira.[23] Nos meados do segundo milênio a.C., a ameaça asiática levou o Egito a um missionismo que culminou somente após a XVIII dinastia, quando sua história ligou-se profundamente ao Oriente antigo.[25] No fim do período desse período surgiu a decomposição sócio-política do Egito.[26] Caminhou, assim, para a anarquia, caindo, por fim, no domínio macedônico.[27] A dinastia lágida não pôde resistir ao impacto da conquista romana.[28]

Cartago, antiga colônia de Tiro, fundada na primeira metade do século IX a.C. foi o grande centro de civilização da África do norte.[29] Controlou o Mediterrâneo ocidental e estabeleceu forte contacto com os berberes, levando a esses povos o bronze, o ferro e artigos diversos.[23] No centro da atual Tunísia, as terras conquistadas aos berberes foram divididas em domínios agrícolas pela aristocracia cartaginesa.[23]

Os romanos, depois do século II a.C., continuaram aí a exploração racional do solo.[23] Os mercenários do exército e da frota de Cartago eram recrutados entre os nativos norte-africanos.[23] O governo cartaginês foi aristocrático, dominado pelos homens de negócios, submetendo as classes menos privilegiadas pelo terror e corrupção.[23] Ultrapassando o estreito de Gibraltar, os navios cartagineses fizeram comércio com tribos do litoral atlântico da África e Europa.[30] Por terra, através do Saara, o comércio com o Sudão foi intenso.[nota 1] As lutas contra o crescente poderio romano levaram Cartago à completa destruição.[31]

Durante as guerras Púnicas alguns príncipes berberes apoiaram Roma.[23] Um deles, Massinissa, chefe dos númidas de leste, afirmava que a África deveria pertencer aos africanos.[nota 2] Roma, aos poucos, conquistou a Berberia: guerra contra Jugurta (112-105 a.c.);[32] domínio da Numídia (25 a.c.),[nota 3] e da Mauritânia (40 d.C.).[nota 4] A política romana foi no sentido da exploração do norte da África e do

Egito.[23] Paralelamente, lutava contra os reinos indígenas dos montes Atlas.[23] Mas várias regiões do planalto argelino e tunisino furtaram-se ao domínio romano.[23] No Egito, Roma manteve a estrutura político-social herdada dos lágidas e do helenismo, mas hierarquizou romanos, gregos e egípcios, deixando os agricultores nativos nas piores condições de trabalho.[23] No século III d.C. o norte da África acompanhou a decadência do império, travando-se lutas que levaram à desagregação provincial.[33]

As invasões bárbaras no império romano tiveram seu capítulo particular nessa região. Os vândalos de Genserico tomaram o Marrocos em 429 d.C., sendo acolhidos como libertadores. Além de tirarem as terras dos latifundiários, entregaram-se à pirataria no Mediterrâneo ocidental. > A reação berbere aos invasores, fato característico em toda a história da África do norte, processou-se violentamente, e no século VI os vândalos foram expulsos da Tunísia para oeste. Neste mesmo século, as tropas bizantinas de Justiniano liquidaram os vândalos, reconquistando a região, mas deixando livres certos reinos nativos. No Egito, o domínio do Império Romano do Oriente levou a uma espécie de feudalismo vale do Nilo, sendo a terra dominada pelos latifundiários. A perseguição aos heréticos monofisitas e aos judeus, a tirania dos impostos imperiais. A decadência das atividades econômicas de Alexandria, em proveito de Constantinopla, criaram o clima propício para a invasão árabe.[34]

A dominação árabe iniciou-se por duas vias diferentes, uma na África do norte e outra na África oriental. Na África do norte a conquista muçulmana começou em 640, no Egito. Apoiando-se nos adversários da dominação bizantina, o chefe árabe Amr ibn al-As pôde ocupar o delta. A partir daí toda a antiga província da África caiu nas mãos dos muçulmanos. Na Ifríquia (Tunísia e Argélia oriental) fundaram Kairuan, em 670, baluarte na luta contra os maiores inimigos dos árabes, os berberes do Maghreb, palavra que significa "ilha do ocidente". Apesar dessa resistência, a islamização foi grande e os neoconvertidos foram usados no ataque e conquista da Espanha. Mas os árabes geraram a um cisma muçulmano, o carijismo, iniciando-se uma série de perseguições e massacres por parte dos árabes. Enquanto durou o domínio árabe sobre o Maghreb (647-1060) nunca houve paz. Continuava marcante o caráter de independência berbere, acentuado pela mentalidade tribalista. A administração árabe no norte da África usou como base Fostat, no Egito, com um sistema de vigilância. Os vassallos conservavam seus bens mas pagavam impostos. Essa província era governada por um cádi, obediente ao califa. Os nativos islamizados formaram uma classe de notáveis, falando árabe e exercendo enorme influência na política local. Em alguns séculos de dominação árabe surgiu uma civilização africana, de grande importância até hoje. Enquanto durou o califado omíada (660-750), o norte da África esteve unificado. Já na era dos abássidas, sediados em Bagdad, surgiram reinos berberes autônomos como o dos idríssidas (728-922) no Marrocos, fundadores de Fez; o dos rostêmidas (776-908) na Argélia; e o dos tulúnidas (868-895) no Egito. Embora esses reinos não pudessem resistir aos ataques da dinastia fatímida, começava a desagregar a unidade política da dominação árabe no norte africano e as lutas entre pastores nômades e agricultores dominaram a história do Maghreb até o fim do século X. Os árabes cujas dinastias lutavam entre si, tentaram retomar a região. O califa do Cairo lançou contra a Ifríquia as tribos dos hiiáldas, nômades que se caracterizaram pela pilhagem e devastação. Aos poucos começa a surgir as diferenças regionais que levaram às divisões da África do norte atual. O Marrocos foi o primeiro a se subtrair à influência da autoridade árabe. Os almorávidas, ligados às tribos negras islamizadas do Senegal, fundaram Marrakech e conquistaram a Berberia até Argel, em guerra santa que pregava a volta à ortodoxia islâmica e à conversão dos pagãos (século XI). Em seguida, sob a chefia de Ibn Tachfin, atacaram, procurando renovar a unidade árabe em face dos reinos cristãos (séculos XI e XII). Desta forma, o espírito de conquista que desaparecera nos árabes renasce nos berberes por longo tempo. Quando decaiu o impulso almorávida, surgiram os almôadas, dentro do mesmo espírito de ortodoxia e guerra santa. Em 1147 conquistam o Marrocos, depois a Espanha e, por fim, expulsaram os normandos que se haviam instalado na África do norte. A Berberia e a Espanha do século XI estavam sob o domínio dos califas almôadas. Mas nos três séculos seguintes o Maghreb dividiu-se em reinos rivais.[34]

205 Na África oriental, os árabes muçulmanos exerceram também sua dominação, mas em caráter periférico. Nos séculos VII e XI estabeleceram uma série de postos na costa africana do Índico: Mogadíscio, Melinde, Mombaça, Pemba, Zanzibar, Moçambique, Quiloa, Sofala e Madagascar. O interesse era puramente comercial e não de conquista e conversão religiosa. Nas cidades, os árabes representaram a aristocracia financeira, miscigenando-se com a população local. Cada cidade viveu independentemente, com ligeira preponderância de umas sobre outras, não formando impérios. Essa influência árabe terminou no começo da Idade Moderna, ao surgir o domínio português. O comércio árabe na África oriental com bantos e boxímanes fez-se com tecidos, metais, marfim, ouro do Zimbabwe e, sobretudo, escravos, que eram vendidos na Ásia, até a China. Fomentando guerras locais para a obtenção de escravos, concorreram os árabes para o despovoamento. Faziam entrepostos no interior do continente, comunicando-se por caravanas.[34] Seus contatos com as tribos eram comerciais,[34] e nunca procuraram dominá-las. Possivelmente introduziram na África tropical o arroz e a cana-de-açúcar.[35]

215 O Sudão ocidental teve história originalíssima. Aí nasceram impérios negros, muitos deles islamizados, pelo menos superficialmente. Na região do Senegal-Níger esses impérios tornaram-se fornecedores de ouro para o mundo mediterrâneo e a Europa até a chegada do ouro americano. As minas de ouro de Bambuc, entre o Senegal e o Falemê, tornaram-se famosas na Idade Média. Os imperadores negros e suas cortes enriqueceram no comércio com o Maghreb, de onde vinham as caravanas, através do Saara. Além do ouro, pesaram decididamente no comércio os escravos, marfim, sal e tecidos. Gana foi o primeiro desses impérios, nascido por volta do século IV a.C., nas margens ocidentais do Níger. No século XI alcançava seus limites máximos, indo do Atlântico ao Níger e do Teccur ao Saara. Estado negro do grupo Saracolê era governado por um soberano despótico, bastante influenciado pelos muçulmanos, que se estabeleceram em Gana no fim daquele século. Os almorávidas promoveram a difusão da fé muçulmana no Sudão, entre as tribos submetidas por Gana. Nos anos seguintes, porém, o império acabou, formando-se reinos cuja base dominante era muçulmana. Muitos povos, como os bambaras e os mossis da foz do Níger, não aceitaram o Islam, mas no século XIII o domínio muçulmano estendia-se do Atlântico ao Darfur. No século XIV, Tombuctu tornou-se o grande centro comercial para o Sudão. Alá, rei sobre os mandingas do Mali o célebre mansa (1235-1290) criou um império que se estendia entre os vales do Falemê e do Bani e do Saara até a foz do Níger. Enquanto a corte era muçulmana, o povo continuava em suas práticas tradicionais. Desempenhou um comércio com o Maghreb. Mussa financiou a arquitetura de inspiração almagrebiana em Gao, Mecca e ao Cairo intensificou as ligações do Sudão com o Oriente. No século XV os berberes e os mossis do Alto Volta dominaram o império. Neste mesmo século surgiu o império songai, com a capital em Gao, dominando grande parte do Sudão ocidental e trechos do Saara. Bem organizado, Gao estabeleceu o tráfico regular do Níger, unificou pesos e medidas, e os judeus participaram ativamente no comércio. O Songai comerciava intensamente ouro e escravos com o Maghreb. Gao tornou-se também um centro de difusão muçulmana no Sudão e doutores negros da religião pregaram na África do norte. No século XVI, renegados espanhóis, a serviço do sultão do Marrocos, dominaram a região.[35]

245 Na Nigéria, entre 1575 e 1648, o reino do Benin teve bastante desenvolvimento cultural e comercial e sua arte marcou um estilo africano nessa área. Entre os séculos XV e XIX o Islam continuou seu domínio sobre o Sudão ocidental e oriental. A Abissínia era uma ilha de cristianismo no continente fetichista e muçulmano. O cristianismo copta do altiplano etiópico teve caráter original. O clero era numeroso. Na Idade Média, judeus e cristãos entraram em luta pela posse do trono, tendo aqueles alcançado o governo por um curto período.[35]

250 Outros reinos que escaparam à influência do Islam têm história menos conhecida. O reino do Congo, que fora fundado no século XIII, acolheu bem o proselitismo cristão trazido pelos portugueses, que transformaram Mbali numa cidade de pedra, com muitas igrejas, dando-lhe o nome de São Salvador. No século XVIII foi abandonada pelo porto de São Paulo de Luanda. Outra região com que os portugueses

comerciaram do século XVI ao século XVIII foi Monomotapa, constituída pela confederação das tribos Chona.[35]

Até o século XV o africano conheceu mais fortemente a influência islâmica. Muitas tribos nem chegaram ao contacto com o árabe. A partir daí, a penetração europeia na África fez-se lentamente, até que, no século XIX, o expansionismo europeu, decorrente da Revolução Industrial, suprimiu o isolamento africano, ultrapassando tecnicamente as barreiras geográficas, modificando a estrutura sócio-econômica dos aborígenes, postos a serviço dos interesses de grupos e potências estrangeiras.[35]

Os ibéricos, principalmente os portugueses, iniciaram a conquista da África que, dos séculos XV a XVIII, foi periférica. Em 1415 os lusos tomavam Ceuta. Logo uma série de pontos no litoral norte-africano caíram em mãos europeias. Nessa ocupação restrita, a expansão da fé cristã representou importante papel. Contra essa intervenção, santos locais ou marabus insuflaram a guerra santa. Independência e luta contra o infiel caracterizaram os movimentos berberes. A reação nativa estava presa também à decadência do tráfico caravaneiro no Saara em demanda do Maghreb, pois os portugueses e depois holandeses, ingleses e franceses desviaram para o litoral atlântico o comércio de ouro e escravos. No começo do século XVI, os turcos otomanos, que destruíram o império bizantino e irromperam na Berberia,[36][37] ocupam postos estratégicos no litoral,[37] dedicando-se ao curso do comércio cristão no Mediterrâneo. Internamente os conflitos turco-árabe-berberes delinearão as atuais Tunísia, Argélia e Marrocos. Os turcos deram ao norte da África uma organização baseada nos chefes locais, prestando tributo a Constantinopla. Aos poucos, o domínio do sultão tornou-se nominal, deixando aos governadores militares a iniciativa na administração e conquista.[37]

Uma carta náutica de Fernão Vaz Dourado, do litoral atlântico da África ocidental extraída do atlas náutico de 1571, pertencente ao Arquivo Nacional Torre do Tombo, em Lisboa.

Para os portugueses, além da ocupação do ouro de que necessitava a burguesia europeia, a África representava um objetivo estratégico: os entrepostos que haviam em o caminho oceânico para as Índias. Assim reabriu-se o caminho do Diogo Cão chegando ao rio do Congo; em 1488, Bartolomeu Dias dobrava o cabo das Tormentas (Boa Esperança) e em 1497, Vasco da Gama, após contornar o mesmo cabo, chegou a Natal, Sofala e Moçambique, chegando afinal a Calecut. Abria-se nova era no comércio internacional: a África assumia o papel de fornecedor e escala. O trânsito direto das especiarias para Lisboa provocou enorme crise na economia egípcia, declinando o comércio de Alexandria. Os portugueses, pela destruição do comércio árabe e da frota egípcia, dominaram o oceano Índico até o começo do século XVII.[37]

Tornaram-se defensores da Abissínia, realizando o sonho secular da aliança com as terras do Preste João. A catequese levou jesuitas e dominicanos ao contacto com os bantos, que a eles reagiram violentamente. Portugal procurou dominar os portos de escoamento de ouro, marfim e pimenta. Fracassou a tentativa da posse do ouro de Bambuc. Abaixo do equador, os lusos instalaram-se em pontos que foram a origem de Angola e Moçambique, visando ao ouro da Rodésia e às lendárias minas de prata do sul do Congo. Até à época do domínio espanhol (1580) os portugueses exerceram o monopólio do tráfico negreiro, abastecendo as plantações do Brasil. Daí em diante franceses, holandeses e ingleses entraram no tráfico.[37]

As companhias de comércio da era mercantilista dividiram entre si as zonas de exploração do nefando comércio. No século XVII, os holandeses, mais bem equipados, dominaram o tráfico. Na centúria seguinte, ingleses e franceses lutaram pelo privilégio do "asiento". No litoral atlântico, o tráfico estendia-se numa faixa de 3.500 km de costa entre a Mauritània e o Congo. Na segunda metade do século XVIII, o tráfico estendeu-se a Angola. O escambo fazia-se com a troca de negros por mudas de cana-de-açúcar, tabaco, aguardente e produtos da Ásia.> Nessa época, pelo menos 100 mil escravos eram exportados por ano. Com o advento da Revolução Industrial, os interesses europeus somaram-se à ação de seitas religiosas e

305 dos filantropos, e a escravidão foi combatida. Mas continuou, sob mil disfarces. O comércio escravo atingiu o interior, despovoando grandes áreas em virtude das razias que as tribos litorâneas, mancomunadas com os negreiros, realizavam.[37]

Império Ashanti (esboço vermelho) durante o século XIX.

310 Enquanto isto, no Sudão ocidental, formaram-se, no século XVII, alguns reinos, como de Andres, no baixo Daomé, e dos Ashanti, na Costa do Ouro (hoje Gana). Estes lutaram contra os ingleses no século XIX. Os tuculores islamizados fundaram, no século XVIII, um reino teocrático no Futa-Djalon e depois no Futa-Toro. No século seguinte, o conquistador El Hadj Ornar unificou os tuculores num império que ia do Senegal a Tombuctu, fazendo frente à dominação francesa.[37]

315 No Sudão central, o reino de Bornu a oeste e a sul do lago Tchad viveu submetido ao despotismo de chefes indígenas, desde o século XVI, e no século XIX ainda era forte, comerciando com a África do norte. Dos séculos XVII a XIX, o Uadai, no sudeste do Tchad, foi unificado por um grande império, que entrou em decadência nas lutas contra Bornu. No Sudão oriental, o Darfur, dirigido desde 1596 por uma dinastia árabe, alcançou esplendor nos séculos seguintes. A islamização da África ainda continua, apesar de todos os embates com o mundo ocidental.[37]

320 No século XIX, a metade da população sudanesa era islamizada. Os wolofs ou volofs, os tuculores, os saracoleses, os songais, além de outros grupos, usavam o árabe e escreviam em árabe, não abandonando os dialetos locais.[37]

325 Muitas tribos continuaram isoladas do islamismo, como os bambaras, os sereres, os mosis, as tribos do Sudão meridional e da floresta equatorial, em geral.

330 Desalojados da Guiné pelos holandeses, os portugueses conservaram Angola e Moçambique. Os neerlandeses estabeleceram-se na Guiné Ocidental, com alguma esperança, devido às rotagens para o comércio no Oriente.[36]

335 Só em 1795 os holandeses começaram a colonizar a África meridional, com dois mil colonos, incluindo também huguenotes franceses que fugiram da França em 1688.

340 No fim do século XVIII a política napoleônica dirigiu-se ao norte da África.[38] Bonaparte, pretendendo transformar o Mediterrâneo em um lago francês,[38] isolando o poderio inglês das rotas do Oriente,[38] lançou-se ao Egito em 1798.[38] Embora terminasse derrotado, tirou o poder aos mamelucos[38] e abriu caminho para o renascimento egípcio.[38] Em 1805, Maomé-Ali fez-se reconhecer paxá pelo sultão turco,[38] que exercia poder nominal sobre o norte da África.[38] Chefe da milícia albanesa, fortaleceu o seu poder a partir de 1811,[38] liquidando os restos do poder mameluco.[38] Organizou um Estado centralizado e com o concurso de estrangeiros preparou enorme exército e grande esquadra e reorganizou a indústria e a agricultura.[38] Seguindo uma política expansionista, Maomé-Ali conquistou Senar e Kordofan, criou Kartum e auxiliou a Turquia na sua tentativa de reprimir a insurreição grega.[38] Em 1840, a Inglaterra obstou suas pretensões sobre a Síria.[38] Seus sucessores desbarataram os recursos do Egito e os financistas internacionais dominaram o país.[38] A Inglaterra opôs-se à abertura do canal de Suez,[38] mas acabou possuindo a maioria das ações do canal,[38] abrindo novas perspectivas para o comércio com o Oriente.[38] O fim do século XIX marcou nova perda da independência política do Egito,[38] com o enfraquecimento do império otomano e o domínio britânico.[38]

350 Na África do Sul os ingleses anexaram o Cabo[38] e, juntamente com os bôeres, apropriaram-se das melhores terras dos nativos.[38] A interferência de missionários protestantes levou à extinção da escravidão.[38] A pressão inglesa determinou a emigração em massa dos bôeres para a região dos rios Vaal e Orange (1834-1848),[38] fundando-se dois Estados: Orange e Transvaal.[38] Os choques com os zulus

355 (grupo banto) multiplicaram-se, tendo os nativos formando uma confederação de tribos, chefiados por Chaka, defendendo-se tenazmente.[38]

360 Em 1830, os franceses invadiram a Argélia[38] e iniciaram a colonização nos governos de Luís Filipe e Napoleão III.[38] A Berberia islamizada vem resistindo nestes dois séculos à dominação europeia.[38] O grande chefe berbere foi, no século passado, Abd el-Kader,[38] que levantou as tribos em guerra santa.[38]

Em 1847, a colônia que filantropos americanos haviam fundado entre Serra Leoa e Costa do Marfim transformou-se na república negra da Libéria.[38]



Geografia

Com uma área territorial de pouco mais de 30 milhões de quilômetros quadrados, o continente africano é o terceiro em extensão. Cortam a África, três dos grandes paralelos terrestres: Equador, Trópico de Câncer e Trópico de Capricórnio, além do Meridiano de Greenwich. Há cinco diferentes fusos horários. O continente tem o formato aproximado de um crânio humano visto de lado com o nariz - a península da Somália - apontado para leste.

Estendendo-se de 37 graus de latitude norte a 34 graus de latitude sul e de 18 graus de longitude oeste a 51 graus de longitude leste, o território africano distribui-se pelos quatro hemisférios do planeta Terra. Por outro lado, está compreendido em apenas duas zonas climáticas: a zona intertropical (equatorial e tropical norte e sul) e temperada do norte e do sul.

A África apresenta litoral pouco recortado e é banhada, a oeste, pelo oceano Atlântico; a leste, pelo oceano Índico; ao norte, pelo mar Mediterrâneo; e a nordeste, pelo mar Vermelho.

Dentre os acidentes geográficos litorâneos, merecem destaque o golfo da Guiné no Atlântico Sul; e o estreito de Gibraltar, entre o Oceano Atlântico e o mar Mediterrâneo, junto da península Ibérica, na Europa. Há ainda no leste do continente, a península da Somália, chamada também de Chifre da África, e o golfo de Áden, formado por águas do oceano Índico e limitado pela península Arábica, que pertence à Ásia. Ao sul, encontra-se o cabo da Boa Esperança.

A África não possui muitas ilhas ao seu redor. No Atlântico, localizam-se algumas, formadas por picos submarinos, como as [[Ilhas da Madeira]], bem como os arquipélagos de São Tomé e Príncipe e de Cabo Verde. No Oceano Índico encontram-se as ilhas de Madagascar — a maior de extensão reduzida, entre as quais Comores,

O relevo africano, predominantemente planáltico, apresenta considerável altitude média - cerca de 750 metros. As regiões central e ocidental são caracterizadas, em sua totalidade, por planaltos intensamente erodidos, constituídos de rochas muito antigas e marcados por grandes escarpamentos.

Os planaltos contornam depressões cortadas por rios, nas quais também se encontram lagos e grandes bacias hidrográficas, como as do Nilo, do Congo, do Chade, do Níger, do Zambeze, do Limpopo, do Cubango e do Orange.

Ao longo do litoral, situam-se as planícies costeiras, por vezes bastante vastas. Destacam-se, a oeste e nordeste do continente, quando se estendem para o interior. As planícies ocupam área menor do que a dos planaltos. Podemos citar as planícies do Níger e do Congo.

Na porção oriental da África encontra-se uma de suas características físicas mais marcantes: uma falha geológica estendendo-se de norte a sul, o Grande Vale do Rift, em que se sucedem montanhas, algumas de origem vulcânica e grandes depressões. É nessa região que se localizam os maiores lagos do continente, circundados por altas montanhas, de mencionar o Quilimanjaro (5895 metros), o monte Quênia (5199 metros) e o Ruwenzori (5109 metros).

Podemos destacar ainda dois grandes conjuntos de terras altas, um no norte, outro no sul do continente:



a Cadeia do Atlas, que ocupa a região setentrional do Marrocos, da Argélia e da Tunísia. É de formação recente e apresenta montanhas cujos picos chegam a atingir 4000 metros de altura; nesta região, o subsolo apresenta significativas reservas de petróleo, gás natural, ferro, urânio e fosfato.

a Cadeia do Cabo, na África do Sul. É de formação antiga, culminando nos Montes Drakensberg, com mais de 3400 metros de altura.

Completando uma visão do relevo africano, é possível observar ainda a existência de antigos maciços montanhosos em diferentes pontos do continente: o da Etiópia, formado a partir de erupções vulcânicas, o de Fouta Djallon e o de Hoggar, além de vários outros.

O Planalto dos Grandes Lagos assinala o início de inclinação do relevo africano, do leste para o continente, que favorece a drenagem de bacias fluviais interiores, como as dos rios Congo, Zambeze e Orange.

A linha do Equador divide a África em duas partes distintas: o norte é bastante extenso no sentido leste-oeste; o sul, mais estreito, afunila-se onde as águas do Índico se encontram com as do Atlântico. Quase três quartos do continente estão situados na zona intertropical da Terra, apresentando, por isso, altas temperaturas com pequenas variações anuais.

Distinguem-se na África os climas equatorial, tropical, desértico e mediterrâneo.

O clima equatorial, quente e úmido o ano todo, abrange parte da região centro-oeste do continente; o tropical quente com invernos secos domina quase inteiramente as terras africanas, do centro ao sul, inclusive a ilha de Madagascar; o clima desértico, por sua vez, compreende uma grande extensão da África, acompanhando os desertos do Saara e de Calaari.

O clima mediterrâneo manifesta-se em pequenas faixas do extremo norte e do extremo sul do continente, apresentando invernos chuvosos e verões secos. No Magrebe, a agricultura é importante, cultivando-se vinhas, oliveiras e trigo. No sul, principalmente na península do Cabo, o vinho, introduzido pelos migrantes franceses, no século XVII, é igualmente uma fonte de riqueza local.

A pluviosidade na África é bastante desigual, sendo a principal responsável pelas grandes diferenças entre as paisagens africanas. As chuvas ocorrem com abundância na região equatorial, mas são insignificantes nas proximidades do Trópico de Câncer, onde se localiza o Deserto do Saara, e do Trópico de Capricórnio, região pela qual se estende o Calaari.

Localizados no interior do território africano, os desertos ocupam grande parte do continente. Situam-se tanto ao norte (Dyif, Igudi, da Líbia - nomes regionais do Saara) quanto ao sul (da Namíbia - denominação local do Deserto de Calaari).

Tendo as regiões norte e sul praticamente tomadas por desertos, a África possui relativamente poucos rios. Alguns deles são muito extensos e volumosos, por estarem localizados em regiões tropicais e equatoriais; outros atravessam áreas desérticas, tornando a vida possível ao longo de suas margens.

A maior importância cabe ao rio Nilo, o segundo mais extenso do mundo (após o Solimões-Amazonas), cujo comprimento é superior a 6.500 quilômetros. Nasce nas proximidades do Lago Vitória, percorre o nordeste africano e deságua no mar Mediterrâneo. Forma, com seus afluentes, uma bacia de quase três milhões de quilômetros quadrados, cinco vezes mais extensa que o estado de Minas Gerais. O vale do rio Nilo, abaixo da confluência entre o Nilo Branco e o Nilo Azul, apresenta um solo extremamente fértil, no qual se pratica intensamente a agricultura, onde as principais culturas são o algodão e o trigo. As grandes civilizações egípcia e de Meroé, na Antiguidade existiram, em parte, em função de seu ciclo anual de cheias.

100 Além do Nilo, outros rios importantes para a África são o Congo, o Níger e o Zambeze. Menos extensos, mas igualmente relevantes, são o Senegal, o Orange, o Limpopo e o Zaire.

No que se refere aos lagos, a África possui alguns mais extensos e profundos, a maioria situada no leste do continente, como o Vitória, o Rodolfo e o Tanganica. Este último, com quase 1.500 metros de profundidade, evidencia com mais ênfase a grande falha geológica na qual se alojam os lagos. O maior situado na região centro-oeste é o Chade.

Nas áreas de clima equatorial as chuvas são abundantes o ano inteiro; graças à pluviosidade, a vegetação dominante é a floresta equatorial densa e emaranhada. Ao norte e ao sul dessa faixa, onde o verão é menos úmido e a região está sujeita às influências marítimas, aparecem as savanas, que constituem o tipo de vegetação mais abundante no continente. Circundam essa região zonas em que as temperaturas são mais amenas, a pluviosidade menor e as estações secas bem pronunciadas. Aí se encontram estepes, que, à medida que alcançam áreas mais secas, tornam-se progressivamente mais ralas, até se transformarem em regiões desérticas.

115 Ao longo do litoral do mar Mediterrâneo e da África do Sul, sobressai a chamada vegetação mediterrânea, formada por arbustos e gramíneas. Nesta área concentra-se a maior parte da população branca do continente.

Leão descansando na Namíbia.

120 Como parte significativa de sua vegetação está preservada, a África conserva ainda numerosas espécies de sua fauna: a floresta equatorial constitui abrigo especialmente adequado para aves e macacos; as savanas e estepes reúnem antílopes, zebras, búfalos, leões, leopardos, elefantes, avestruzes e animais de grande porte em geral.

125 Os contrastes presentes no continente são evidentes em todos os níveis: suas populações são diversificadas; os povos que a habitam, pertencentes a várias etnias distintas, expressam-se em múltiplos idiomas ou dialetos e professam diversas religiões. Além disso, movimentos separatistas têm frequentemente alterado a configuração política do continente, em que atualmente se contam 54 Estados autônomos e seis territórios não-independentes.

130 Por isso, agrupar os países da África em conjuntos homogêneos não constitui tarefa simples. Entretanto, por razões didáticas, vamos dividir o continente em cinco regiões principais: África do Norte, África Ocidental, África Centro-ocidental, África Centro-oriental e África Meridional.

135 A porção setentrional do continente é a mais extensa, comportando três subdivisões: os países do Maghreb, os países do Saara e o vale do Nilo.

140 A palavra maghreb, de origem árabe, significa "onde o Sol se põe", ou seja, o ocidente. Essa sub-região corresponde ao noroeste africano e engloba o Marrocos, a Argélia e a Tunísia.

Na paisagem, os traços físicos mais marcantes são a Cadeia do Atlas, junto ao Mar Mediterrâneo, e o grande Deserto do Saara em que se distinguem dois trechos: um dominado por dunas arenosas, conhecido por Erg, e outro bastante pedregoso, denominado Hamadas.

145 Magrebe, a parte ocidental do mundo árabe.

O clima da região é do tipo mediterrâneo na vertente norte do Atlas e do tipo desértico ao sul dessa cadeia. A população distribui-se de modo irregular: é densa nas áreas mais úmidas e, naturalmente, escassa nas áreas desérticas, onde predominam os árabes e os berberes, que geralmente professam o islamismo.

150

Em virtude de condições naturais desfavoráveis, a agropecuária é pouco desenvolvida, embora empregue grande parte da população ativa desses países. Destaca-se a agricultura mediterrânea, em que se cultivam vinhas, oliveiras, cítricos e tâmaras. Pratica-se a pecuária extensiva nas áreas semiáridas e a pecuária nômade no deserto.

155

Ricos em minérios, de que são grandes exportadores, os países do Maghreb conseguiram implantar vários centros industriais de destaque, como Argel, Túnis, Orã, Casablanca, Rabat, Fez e Marrakesh, que são algumas das maiores e mais belas cidades da África.

160

A Argélia é rica em petróleo e gás natural, sendo também membro da OPEP. Marrocos e Tunísia são grandes exportadores de fosfatos, matéria-prima para a indústria de fertilizantes.

165

O vasto Deserto do Saara se estende por diversos países, mas é o traço físico que nos permite agrupar Mauritânia, Mali, Níger, Chade e Líbia na mesma sub-região. A aridez do solo e a predominância do clima desértico não favorecem as atividades econômicas; os obstáculos para a implantação de indústrias são muitos, e a agricultura só é possível junto aos oásis e em curtos trechos do litoral.

170

Tais restrições do meio conduzem ao nomadismo grande parte da população, que, formada basicamente por negros e árabes, tem a pecuária como principal atividade econômica. Entretanto, o subsolo apresenta significativas reservas de petróleo, gás natural, ferro e urânio.

175

A Líbia é o país mais importante desse grupo, tanto pela produção petrolífera quanto pela controvertida política externa, que tem causado a intervenção de outros países em diversas ocasiões.

180

Inclui-se ainda nessa sub-região o território do Saara Ocidental, que até 1976 pertenceu à Espanha e ainda não conseguiu tornar-se independente. É disputado pelo Marrocos, pela Mauritânia e pela Argélia, que pretendem anexá-lo. Embora, entre outras coisas, essa é uma região muito rica em fosfato.

185

O vale por onde corre apresenta um solo extremamente fértil, no qual se pratica intensamente a agricultura. Em consequência desse fato, Egito e Sudão contam com uma população numericamente superior à dos outros países em que o deserto se faz presente. O Cairo é, aliás, a mais populosa cidade africana e uma das maiores do mundo, com mais de 11 milhões de habitantes.

190

Há predominância de brancos, principalmente árabes e berberes, mas é grande a presença de negros na parte meridional do Sudão.

195

Sustentáculo da economia local, a atividade agrícola responde por uma grande produção de algodão, à qual se seguem as colheitas de milho, trigo e arroz. O cultivo não ocorre apenas nas terras próximas às margens do Nilo, pois foram construídas várias barragens que possibilitam a irrigação de áreas desérticas relativamente distantes do leito.

200

Pouco significativa no Sudão, a indústria é no Egito mais desenvolvida e diversificada, notadamente a siderúrgica, a elétrica e a têxtil, bem como as de produtos químicos e alimentícios. Também em solo egípcio encontram-se reservas de petróleo e gás natural, além de ferro, fosfato e potássio.



Esse quadro, aliado à posição estratégica, confere ao Egito o título de país mais importante da sub-região, cujas cidades principais são Cairo, Alexandria ambas egípcias e Cartum (no Sudão).

205 Essa região situa-se entre o Deserto do Saara e o Golfo da Guiné e abrange 17 países independentes, alguns de reduzida área territorial.

Os terrenos são antigos e, por essa razão, bastante erodidos, verificando-se a presença de formações rochosas cristalinas. Devido à sua posição geográfica, a região apresenta clima equatorial, com áreas de savanas ao norte e densas florestas ao sul, onde os índices de pluviosidade são mais elevados.

210 Em virtude dessas características, a África Ocidental possui densidade demográfica maior que a da região do Saara. Concentra-se na Nigéria 60% de sua população, composta por negros do grupo sudanês.

215 Todos os países são economicamente subdesenvolvidos, constituindo a agricultura sua atividade predominante. A lavoura de subsistência alterna-se com o cultivo de produtos tropicais destinado à exportação - café, cacau, amendoim, banana e borracha.

220 A industrialização local, em expansão, depende em grande parte do capital estrangeiro. Os países mais desenvolvidos no setor são: Nigéria, Costa do Marfim e Senegal.

Os contrastes presentes na África manifestam-se em diversos níveis: suas paisagens são diversificadas; os povos que a habitam, pertencentes a várias raças distintas, expressam-se em múltiplos idiomas ou dialetos e professam diversas crenças. Além disso, movimentos separatistas têm frequentemente alterado fronteiras políticas do continente, em que atualmente se contam 54 Estados autônomos e seis territórios não-independentes.

[editar] África Centro-ocidental

Vista aérea da cidade de Kinshasa, República Democrática do Congo

230 Essa região agrupa quatro países: República Central da África, Congo, República Democrática do Congo e Angola. Situa-se na porção sul do continente, limitada pelo Atlântico a oeste e por altas escarpas montanhosas e grandes falhamentos a leste, verificando-se, no restante do território, a alternância de planaltos e planícies cortados por rios caudalosos.

235 O clima é quente e úmido nos países mais ao norte, verificando-se aí a presença de florestas equatoriais. Mais ao sul da região predominam o clima tropical e a formação vegetal das savanas.

240 Trata-se de uma região de baixa densidade demográfica, cuja população compõe-se basicamente de negros, pertencentes em sua maioria ao grupo banto. As principais concentrações humanas ocorrem no Zaire e em Angola.

A agricultura assemelha-se à da África Ocidental. A exploração mineral é muito importante para o Zaire e Angola, onde se encontram jazidas de cobre, cobalto, manganês e ferro. O extrativismo vegetal, notadamente de madeira, reforça a economia da região.

245 Como em quase todo o continente, as indústrias são escassas, mas as descobertas de lençóis petrolíferos na faixa litorânea e o grande potencial hidrelétrico desses países oferecem-lhes perspectivas de progresso.

250 Compreendida entre a Bacia do Congo e as águas do Mar Vermelho e do Oceano Índico, esta região agrupa dez países: Eritreia, Etiópia, Djibuti, Somália, Quênia, Tanzânia, Uganda, Ruanda, Burundi e Seychelles. Sua paisagem é bastante diversificada, verificando-se, em meio a poucas planícies e planaltos elevados, a

presença de maciços montanhosos, grandes falhamentos, muitos vulcões e lagos. Predomina o clima tropical, com temperaturas atenuadas pela altitude. A vegetação também oferece um quadro variado: florestas equatoriais, savanas, estepes e formações típicas de áreas desérticas.

255

Tampouco sua composição étnica revela-se homogênea: na Península da Somália, conhecida como Chifre da África por causa do formato peculiar, a população predominante é de negros do grupo banto, ao passo que em outras áreas encontra-se expressivo número de camitas, árabes, indianos e europeus. O contingente que habita a zona rural é mais numeroso do que o urbano; dentre as cidades, destacam-se Nairóbi, Mogadíscio e Adis-Abeba.

260

A economia regional baseia-se na agricultura, que, organizada principalmente segundo o sistema de plantation, dedica-se aos produtos de exportação, como o café e o algodão. Os escassos recursos minerais consistem em pequenas jazidas de ouro, platina, cobre, estanho e tungstênio. Também nessa região a industrialização não atingiu um satisfatório grau de desenvolvimento.

265

A África Centro-oriental é uma das regiões mais pobres e conflituadas do continente e tem vivido crises de seca e fome (Somália e Etiópia) e sangrentos conflitos étnicos, como entre hutus e tutsis em Ruanda e Burundi.

270

Esta região, atravessada pelo Trópico de Capricórnio, é composta de doze Estados independentes. Em seu relevo predominam planaltos circundados pelas baixas altitudes da faixa litorânea. Em correspondência com o clima, que varia do tropical úmido ao desértico (na região do Calaari), passando pelo mediterrâneo, encontra-se uma vegetação também diversificada, em que se verifica a presença de savanas, estepes e até mesmo florestas (junto à costa do Índico).
Mapa de satélite da Namíbia.

275

As reservas minerais constituem a base econômica. Destacam-se a mineração na África do Sul (ouro, diamantes, platina, cobre e cobalto). Outras atividades geradoras de renda pode-se citar ainda a agricultura, representada por produtos de clima mediterrâneo (vinhas, oliveiras e frutas) e de clima subtropical (cana-de-açúcar, fumo e algodão), além da criação extensiva de gado bovino.

280

Na África do Sul, o país mais industrializado do continente, as indústrias concentram-se nas regiões metropolitanas de Joanesburgo, Cidade do Cabo e Durban. Este país teve a segregação racial oficializada pelo apartheid. Através desse regime, 15,5% da população, formada por brancos, dominava o país até 1994. As desigualdades sociais entre brancos e não-brancos são muito grandes.

285

A Namíbia - país independente desde 1990 - esteve subordinada à África do Sul por 70 anos. Originalmente colonizada por alemães, passou para o controle sul-africano após a Primeira Guerra Mundial. O primeiro governante eleito da Namíbia independente foi Sam Nujoma, líder do movimento guerrilheiro por 30 anos.

290



Economia e Cultura

A África é o continente mais pobre do mundo, onde estão quase dois terços dos portadores do vírus HIV do planeta, a continuidade dos conflitos armados, o avanço de epidemias e o agravamento da miséria põem em causa o seu desenvolvimento. Algumas nações alcançaram relativa estabilidade política, como é o caso da África do Sul, que possui sozinha um quinto do PIB de toda a África.

Distinguindo-se pelas elevadas taxas de natalidade e de mortalidade e pela baixa expectativa de vida e abrangendo uma população jovem, a África caracteriza-se pelo subdesenvolvimento. Aparecendo ao mesmo tempo como causa e consequência desse panorama, os setores econômicos em que os países africanos apresentam algum destaque constituem herança do seu passado colonial: o extrativismo e a agricultura - setores em que são baixos os investimentos e o custo da mão-de-obra - cuja produção é destinada a abastecer o mercado externo.

A incipiente industrialização do continente, por sua vez, está restrita a alguns pontos do território. Iniciou-se tardiamente, após o processo de descolonização, motivo pelo qual as indústrias africanas levam grande desvantagem em relação ao setor industrial altamente desenvolvido de países do Primeiro Mundo, ou mesmo de Terceiro Mundo, mas industrializados, como o Brasil.

A África detém grandes reservas minerais, destacando-se o ouro e os diamantes da África do Sul, do Zaire e de Gana, que respondem pela maior parte da produção mundial. É igualmente rica em fontes energéticas como petróleo e gás natural explorados principalmente na Nigéria, no Gabão, na Líbia, na Argélia e no Egito. O subsolo africano fornece também em abundância os seguintes minerais: antimônio (África do Sul), fosfatos (Marrocos, grande produtor mundial), nióbio (Gabão e África do Sul), cobre (Zâmbia e Zaire), urânio (África do Sul e Gâmbia).

Apesar da diversidade dos recursos minerais do subsolo, a África revela-se um continente pobre, o que é explicado pelo fato de a exploração das riquezas minerais estar a cargo de companhias europeias ou norte-americanas. Estas, além disso, impõem na região uma infraestrutura - equipamentos, técnicas e meios de transporte - visando exclusivamente a extração e exportação das riquezas em estado bruto para os países industrializados, de modo que a maior parte dos lucros provenientes desse setor acaba se encaminhando para fora do continente.

A caça, a pesca e a coleta de produtos naturais ainda constituem importantes fontes de renda para a grande parcela da população africana. No extrativismo animal, figuram em primeiro plano o comércio de couro e de peles em Burkina Fasso, Botsuana e Djibuti, e o de marfim na África do Sul, Congo, Moçambique e Gabão. O extrativismo vegetal fornece como principais produtos: madeiras, resinas e especiarias, nos países cobertos parcialmente pela floresta equatorial; óleo de palmeira, no Benin e na Costa do Marfim; tâmaras, nos países desérticos.

A agricultura do continente africano apresenta-se sob duas formas: a de subsistência e a comercial. A primeira é rudimentar, itinerante e extensiva - planta-se em grandes extensões de terra, que são cultivadas anos seguidos, até ocorrer o esgotamento do solo. Em seguida, busca-se outra área, em que se repete o mesmo processo. Trata-se de um sistema pouco produtivo, cujas colheitas abastecem, em geral, apenas os próprios agricultores. Como principais produtos de cultivo citam-se inhame, mandioca, milho, sorgo, batata e arroz.

A forma comercial de agricultura está representada pela plantation, sistema introduzido pelos europeus no período colonial; baseia-se na monocultura de gêneros tropicais em grandes extensões de terra, com produção voltada para o mercado externo. Muitas vezes as propriedades encontram-se sob o comando de

grandes empresas agroindustriais, que encaminham os artigos agrícolas para o processamento industrial. Enquadram-se nesse caso o algodão e a borracha, bem como o cacau, o café e o amendoim.

55 Devido às condições naturais pouco propícias à criação de gado bovino, a África tem na pecuária uma atividade econômica de limitado alcance, em geral praticada de forma nômade ou extensiva. O maior destaque é para a criação de carneiros na África do Sul e na Etiópia, além de pequenos rebanhos conduzidos por nômades nas regiões de estepes. Nos países situados ao norte do Saara, criam-se camelos e dromedários, animais de grande porte utilizados como meio de transporte. Nessa região, os rebanhos caprino e ovino também são significativos.

60 Todos os países do continente, exceto a África do Sul, fazem parte do Terceiro Mundo e, como não poderia deixar de ser, exibem os mesmos problemas que caracterizam os integrantes desse bloco, agravados ainda pelo fato de que em boa parte da África a descolonização ocorreu recentemente.

65 Assim, toda a sua estrutura econômica é extremamente frágil e dependente, fato que se torna mais evidente no setor industrial: a escassez de capitais, a falta de mão de obra técnica especializada e a insuficiência dos meios de transporte, aliados ao baixo poder aquisitivo da população, compõem um quadro nada propício ao desenvolvimento. Mesmo a grande variedade de matérias-primas, sobretudo minerais, que poderia ser utilizada para promover a indústria africana, é destinada basicamente ao mercado externo.

70 Atuando nesse panorama, as modestas indústrias africanas dedicam-se, em geral, ao beneficiamento de matérias-primas, como madeiras, óleos comestíveis, açúcar e algodão, ou ao beneficiamento de minérios para exportação.

75 Atraídas pelo baixo preço da mão-de-obra, da energia elétrica e das matérias-primas, muitas indústrias de origem europeia e norte-americana foram instaladas no continente, onde produzem, a custo reduzido, artigos cuja exportação lhes proporciona lucros consideráveis.

80 As indústrias têxteis e alimentícias voltadas para o mercado interno, encontram-se em todos os países do continente, enquanto na África do Sul, no Egito e na República Democrática do Congo estão instaladas as principais indústrias de base (siderúrgicas, metalúrgicas, usinas hidrelétricas etc.). Essa circunstância justifica o fato de a África do Sul e o Egito serem os países mais industrializados do continente.

85 O sistema de transportes, bastante precário, constitui um entrave ao desenvolvimento industrial. Implantado pelos colonizadores, tinha como principal finalidade possibilitar o escoamento de matérias-primas e gêneros agrícolas para os portos marítimos, de onde os produtos seguiam para as metrópoles. Por isso, hoje a África ressent-se da falta de uma rede rodoviária e ferroviária que interligue eficazmente suas regiões.

90 A cultura da África reflete a sua antiga história e é tão diversificada como foi o seu ambiente natural ao longo dos milênios. A África é o território terrestre habitado há mais tempo, e supõe-se que foi neste continente que a espécie humana surgiu; os mais antigos fósseis de homínídeos encontrados na África (Tanzânia e Quênia) têm cerca de cinco milhões de anos. O Egito foi provavelmente o primeiro Estado a constituir-se na África, há cerca de 5000 anos, mas muitos outros reinos ou cidades-estados se foram sucedendo neste continente, ao longo dos séculos (por exemplo, Axum, o Grande Zimbábwe). Para além disso, a África foi, desde a antiguidade, procurada por povos doutros continentes, que buscavam as suas riquezas.

100 O continente africano cobre uma área de cerca de 30 milhões de quilômetros quadrados, um quinto da área terrestre da Terra, e possui mais de 50 países. Suas características geográficas são diversas e variam



de tropical úmido ou floresta tropical, com chuvas de 250 a 380 centímetros a desertos. O monte Kilimanjaro (5895 metros de altitude) permanece coberto de neve durante todo o ano enquanto o Saara é o maior e mais quente deserto da Terra. A África possui uma vegetação diversa, variando de savana, arbustos de deserto e uma variedade de vegetação crescente nas montanhas bem como nas florestas tropicais e tropófilas.

Como a natureza, os atuais 800 milhões de habitantes da África evoluíram um ambiente cultural cheio de contrastes e que possui várias dimensões. As pessoas através do continente possuem diferenças marcantes sob qualquer comparação: falam um vasto número de diferentes línguas, praticam diferentes religiões, vivem em uma variedade de tipos de habitações e se envolvem em um amplo leque de atividades econômicas.

A África é o lar de inumeráveis tribos, grupos étnicos e sociais, algumas representam populações muito grandes consistindo de milhões de pessoas, outras são grupos menores de poucos milhares. Alguns países possuem mais de 20 diferentes grupos étnicos. Todas estas tribos e grupos possuem culturas que são diferentes, mas representam o mosaico da diversidade cultural africana.

Estas tribos e grupos étnico/social incluem os Afar, Éwés, Amhara, Árabes, Ashantis, Bacongós, Bambaras, Bembas, Berberes, Bobo, Bubis, Bosquímanos, Chewas, Dogons, Fangs, Fons, Fulas, Hútus, Ibos, Iorubás, Kykuyus, Masais, Mandingos, Pigmeus, Samburus, Senufos, Tuaregues, Tútsis, Wolof e Zulus.

Várias regiões de África são assoladas com frequência por crises de falta de alimentos, principalmente nas zonas rurais. Destacam-se as zonas subáridas do Sahel desde a Mauritânia até ao Corno de África, e as que se encontram à volta do Deserto do Saara e do Deserto do Kalahari. Muitas vezes sucedem-se anos de seca, por vezes alternando com inundações que também afetam as culturas locais, levando a obrigarem as populações a deslocar-se das suas zonas habituais.

Para além do fator climático, existem causas culturais que se podem associar ao aquecimento global, que se podem associar à colonização do continente pelas potências europeias no final do século XIX. Por um lado, a colonização associada ao abandono das zonas rurais, onde não se promoveu o desenvolvimento económico, diminuiu a capacidade de produção agrícola, que era fundamentalmente de subsistência; por outro lado, os governos coloniais introduziram no campo a obrigatoriedade das culturas de produtos para exportação, que contribuíram, não só para a diminuição das áreas e da capacidade de cultivo de produtos alimentares, mas também para o empobrecimento dos solos.

Durante os últimos 30 anos do século XX, a seguir à descolonização da África, poucos governos souberam reverter a economia extrativista, que era sua a principal fonte de rendimento, além de incentivada pelos países ocidentais e pelo bloco socialista durante a guerra fria, que necessitavam desses produtos para o seu desenvolvimento. A fraca capacidade de investimento em infraestrutura, apenas parcialmente sanada nos primeiros anos do século XXI pela mudança de políticas das instituições financeiras internacionais, eternizou a falta de condições em termos de saúde e educação, mantendo assim as populações sem capacidade para produzir o suficiente para alimentar todo o país.

Por outro lado, com a agricultura extensiva, matas são derrubadas e em seus limites o deserto avança. A necessidade de produzir para exportação impede que se pratique o sistema de descanso da terra, que se esgota rapidamente e nem mesmo o uso de fertilizantes consegue recuperar. A pecuária intensiva e o nomadismo, tradicionalmente praticadas no continente, também causam danos às paisagens africanas, pois os rebanhos acabam com as já reduzidas pastagens, sendo atingidos pela fome, da mesma forma que a população.



Finalmente, os conflitos armados que assolam o continente são outro fator de empobrecimento, resultando em milhões de deslocados e refugiados sem capacidade produtiva; nas regiões em guerra, são as agências internacionais e as organizações não-governamentais que tentam assegurar as condições mínimas de saúde e alimentação, ao invés de se fazer um verdadeiro esforço para sanar as causas dos conflitos que, muitas vezes, estão associados à injustiça na propriedade dos recursos naturais e na distribuição da riqueza proveniente da sua exploração.

A atual divisão política da África somente se configurou nas décadas de 60 e 70. Durante séculos, o continente foi explorado pelas potências europeias - Reino Unido, França, Portugal, Espanha, Bélgica, Itália e Alemanha -, que o dividiram em zonas de influência adequadas aos seus interesses. Ao conseguirem a independência, os países africanos tiveram de se moldar às fronteiras definidas pelos colonizadores. Estas, por um lado, separavam de modo artificial grupos humanos pertencentes às mesmas tribos, falantes dos mesmos dialetos e praticantes dos mesmos costumes e submetia-os, por outro lado, à influência de valores europeus.

Em muitos desses novos países, após a independência, houve inevitáveis revoltas separatistas e golpes de Estado que terminaram por instaurar ditaduras. Seguindo diretrizes capitalistas ou socialistas, os governos assim constituídos distinguiram-se sempre pela perseguição política, que chegava a culminar em torturas e massacres dos opositores.

Em grande parte dos casos, a independência política não foi total, pois geralmente os novos países mantiveram laços econômicos com as ex-metrópoles e, durante a Guerra Fria, alguns ligaram-se às grandes potências (Estados Unidos e extinta União Soviética) em busca de assistência militar e econômica.

De tudo isso resulta a existência de muitos focos de conflito no continente. Em alguns casos trata-se de lutas de caráter político: grupos que pretendem adquirir o poder se confrontam com os que detêm o domínio da região. Em outros, o motivo principal é o separatismo, originado pela artificialidade das fronteiras coloniais herdadas.

Em nenhuma outra parte do mundo a questão racial assumiu questões tão graves como na África do Sul. Embora os negros, mestiços e brancos constituam a totalidade da população, eram os brancos que detinham todo o poder político, e somente os brancos tinham de direito o acesso à educação superior.

A origem desse sistema, denominado apartheid, data de 1911, quando os africânderes (descendentes de agricultores holandeses que emigraram para a África do Sul) e os britânicos estabeleceram uma série de leis para consolidar seu domínio sobre os negros. Em 1948, a política de segregação racial foi oficializada, criando direitos e zonas residenciais para brancos, negros, asiáticos e mestiços.

Na década de 1950, foi fundado o Congresso Nacional Africano (CNA), entidade negra contrária à segregação racial na África do Sul. Em 1960, o CNA foi declarado ilegal e seu líder Nelson Mandela, condenado à prisão perpétua. De 1958 a 1976, a política do apartheid se fortaleceu com a criação dos bantustões, apesar dos protestos da maioria negra.

Diante de tal situação, cresceram o descontentamento e a revolta na maioria subjugada pelos brancos; os choques tornaram-se frequentes e violentos; e as manifestações de protesto eram decorrência natural desse quadro injusto. A comunidade internacional usou algumas formas de pressão contra o governo sul-africano, especialmente no âmbito diplomático e econômico, no sentido de fazê-lo abolir a instituição do apartheid.

